

# Os limites da inteligência: sobre os desafios enfrentados por cidades inteligentes<sup>1</sup>

*The limits of intelligence*

*On the challenges faced by smart cities*

## Antoine Picon

G. Ware Travelstead Professor of the History of Architecture and Technology e Diretor de Pesquisa da GSD (Graduate School of Design) da Universidade de Harvard. Ele é também Diretor de Pesquisa da École Nationale des Ponts et Chaussées em Paris. Recebeu várias homenagens por sua obra, incluindo a Médaille de la Ville de Paris, duas vezes o Prix du Livre d'Architecture de la Ville de Briey e a Georges Sarton Medal of the University of Gand. Publicou, entre outros, *French Architects and Engineers in the Age of Enlightenment* (1988, tradução em inglês: 1992); *La Ville territoire des cyborgs* (1998); *Les Saint-Simoniens: Raison, Imaginaire, et Utopie* (2002); *Digital Culture in Architecture: An Introduction for the Design Profession* (2010) e *Smart Cities: A Spatialised Intelligence* (2015).

## Tradução

### Camila Vieira da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ (Tecnologias da Comunicação e Estéticas).

## Revisão

### Janice Caiafa

Antropóloga, Professora Titular da Escola de Comunicação da UFRJ e pesquisadora do CNPq.

**Submetido em:** 10/08/2017

**Aceito em:** 01/10/2017

## DOSSIÊ

### RESUMO

Neste artigo, Antoine Picon reflete sobre a noção de cidade inteligente no contexto do processo de transformação de espaços urbanos ao redor do mundo. Baseadas no uso de tecnologias de informação e comunicação, as cidades inteligentes se apresentam como combinações complexas de sistemas neocibernéticos de controle e iniciativas realizadas por indivíduos empoderados digitalmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade inteligente; metrópoles; tecnologia.

### ABSTRACT

In this article, Antoine Picon reflects upon the notion of smart city in the context of the process of transformation of urban spaces around the world. Based on the use of information and communications technologies, smart cities appear as complex combinations of neocybernetic control systems and initiatives led by digitally empowered individuals.

**KEYWORDS:** Smart city; Metropolis; Technology

1 Publicado originalmente em inglês em: *New Geographies*, n° 7, janeiro de 2015, pp.77-83.

Durante a década passada, testemunhamos a ascensão da cidade inteligente como um novo ideal urbano e como um processo concreto de transformação nas cidades ao redor do mundo. Ainda que o termo possa fazer pensar em Londres, Nova York ou Singapura — metrópoles posicionadas na linha de frente da tecnologia —, o movimento da cidade inteligente abrange muitas cidades, em países em desenvolvimento e também naqueles mais ricos e tecnologicamente avançados. Um total estimado de aproximadamente 39,5 bilhões de dólares deve ser investido no campo das cidades inteligentes em 2016, comparado a apenas 8,1 bilhões de dólares em 2010<sup>1</sup>.

A noção da cidade inteligente é fundamentada no uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação (TIC). Opera através do desenvolvimento de conteúdo eletrônico e da crescente hibridização desse conteúdo com o mundo físico, uma mistura frequentemente chamada de realidade ampliada. Sua construção engaja um número de questões-chave, tais como reconciliar desenvolvimento sustentável com questões de qualidade de vida através da gestão precisa de recursos tecnológicos e de infraestrutura. Grades inteligentes e outras redes otimizam o metabolismo urbano da cidade inteligente. Além desses sistemas altamente reativos, contudo, novas oportunidades interativas emergem. Tanto para indivíduos equipados com dispositivos móveis quanto para novos coletivos, formados com base em organizações como Wikipedia e Open Street Map, a cidade inteligente permite colaboração em uma escala massiva.

Para além de sua base tecnológica e da mobilização de habitantes, pode-se dizer que um número de aspectos adicionais caracterizam esta nova compreensão do urbano<sup>1</sup>. A perspectiva da “cidade inteligente” está progressivamente substituindo o ideal da “cidade de rede” (*networked city*), que emergiu no tempo da revolução industrial e se desenvolveu durante os séculos XIX e XX como o modelo dominante para conceituar a cidade em termos tecnológicos e sociopolíticos<sup>2</sup>. Ao contrário da cidade de rede, organizada quase exclusivamente em torno do domínio de fluxos, do suprimento de água aos sistemas de transporte, a cidade inteligente dá maior importância ao controle dos eventos, ao que acontece em todas as escalas dentro da infraestrutura urbana e nas ruas. Esses eventos abrangem desde as milhões de ocorrências ordinárias gravadas por sensores e medidores da cidade

1 Estas características são esboçadas em Antoine Picon, *Smart Cities: A Spatialised Intelligence* (Chichester: Wiley, 2015).

2 Sobre a cidade de rede como um ideal e processo tecnológico, bem como político e social, ver: Gabriel Dupuy and Joel A. Tarr, eds., *Technology and the Rise of the Networked City in Europe and America* (Philadelphia: Temple University Press, 1988); Olivier Coutard, Richard Hanley, and Rae Zimmerman eds., *Sustaining Urban Networks: The Social Diffusion of Large Technical Systems* (London: Routledge, 2004); e Antoine Picon, *La ville des réseaux: Un imaginaire politique* (Paris: Editions Manucius, 2014).

inteligente até os vários festivais que desempenham um papel cada vez mais essencial na afirmação da identidade da cidade. Essa ênfase em eventos tem gerado duas interpretações contrastantes da cidade inteligente: como hierarquizada de cima para baixo (*top-bottom*), permeada por preocupações gerenciais e com um tom claramente neocibernético e tecnocrático; ou como, ao contrário, da base para cima (*bottom-up*), que se apoia na capacidade dos indivíduos de colaborar de formas produtivas<sup>3</sup>. Deve-se imaginar, creio, a cidade inteligente madura como uma combinação complexa de sistemas de controles neocibernéticos de cima para baixo e iniciativas vindas de baixo e conduzidas por indivíduos digitalmente empoderados.

Igualmente importante é a dimensão espacial que caracteriza o contínuo processo de transformação que constitui o outro lado das dinâmicas da cidade inteligente. Com a crescente hibridização de átomos e bits, dos mundos físicos e eletrônicos, promovidos por desenvolvimentos tecnológicos tais como realidade aumentada e geolocalização, cidades inteligentes são inseparáveis de uma “virada espacial” do digital. O geógrafo urbano Edward Soja cunhou esta frase para se referir à evolução recente das ciências sociais, uma virada que irá eventualmente impactar a morfologia urbana, mesmo que seus efeitos permaneçam, por enquanto, limitados<sup>4</sup>.

Finalmente, uma característica adicional da cidade inteligente pode merecer ser considerada ou, melhor dizendo, reconsiderada: a expressão “cidade inteligente” deve ser tomada mais literalmente do que é normalmente. Em vez de conceber uma cidade em que os circuitos de informação e comunicação estão simplesmente expandidos e em que a inteligência continua a residir exclusivamente nos homens e mulheres que se comunicam por meio deles, por que não imaginar o desenvolvimento progressivo de formas não-humanas de raciocínio e mesmo de consciência? No estágio final de tal desenvolvimento — cujas sementes já foram plantadas em pesquisas atuais sobre algoritmos, inteligência artificial, robotização e montagens de tipo ciborgue entre organismos biológicos e máquinas —, a cidade inteira poderia ser considerada inteligente de uma nova maneira, fundada e composta pela interação de percepções e deliberações de entidades múltiplas: humanas, não-humanas e frequentemente uma mistura das duas.

Agora, tanto como um ideal e como um processo, a cidade inteligente enfrenta um número

---

<sup>3</sup> Uma distinção semelhante entre interpretações vindas do topo ou da base pode ser encontrada em Anthony Townsend, *Smart Cities: Big Data, Civic Hackers, and the Quest for a New Utopia* (New York: W.W. Norton & Company, 2013).

<sup>4</sup> Edward W. Soja, *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory* (London: Verso, 1989).

de desafios que são simultaneamente tecnológicos, sociais e culturais. Não que qualquer um deles represente um obstáculo intransponível ou um limite assintótico que não possa ser atravessado; em vez disso, cada um pode ser considerado uma incitação para enriquecer abordagens presentes. Em particular, precisamos deixar no passado o que ainda é a qualidade demasiado simplificada de representações da cidade inteligente propostas por seus vários *stakeholders*. Apesar de certamente não ser “contra a cidade inteligente”, como o urbanista americano Adam Greenfield, não posso me satisfazer com um ou dois modelos simples do que ela deveria ser<sup>6</sup>. O conflito frontal entre gestão inspirada na neocibernática e lógica participativa não deve limitar o leque de possibilidades que podemos visualizar. Em vez disso, ao ampliar esse leque, é possível revelar a existência de alternativas, levando em conta situações locais tais como as metas estabelecidas pelos líderes e pelo público em geral.

### As deficiências de soluções inteiramente digitais

Como é o caso de todas as interpretações positivas, aquela da cidade inteligente deixa de lado todo um conjunto de realidades problemáticas, começando com as tensões emergentes entre o uso intensivo de TIC e a necessidade de desenvolvimento sustentável. A tecnologia digital é realmente tão “verde” como clamam seus apoiadores mais fiéis? Vale a pena nos lembrarmos de que a cidade inteligente não é meramente uma presença etérea, mas existe materialmente. Os servidores, cabos e redes aéreas da cidade inteligente — sem mencionar seus milhões de chips e sensores — exercem um impacto pesado no meio ambiente<sup>7</sup>. O volume anual de lixo eletrônico produzido ao redor do planeta foi estimado em 41,5 milhões de toneladas em 2011 e pode bem alcançar 93,5 milhões em 2016<sup>8</sup>. Cabos descartados, placas de circuito e telas trazem questões sensíveis em relação a reciclagem, que é frequentemente terceirizada para países em desenvolvimento sem praticamente nenhuma consideração pela saúde das pessoas envolvidas. As TICs já consomem quase 10% do suprimento global de eletricidade: ou seja, 50% mais energia que toda a indústria de transporte aéreo<sup>9</sup>. Servidores

5 A palavra “*stakeholders*” (interessados, participantes, num sentido geral, e, ainda, acionistas ou sócios de um negócio) é frequentemente utilizada nas descrições de cidades inteligentes e refere-se àqueles que têm interesse nesses projetos ou que apostam neles — como investidores, empresas, comunidades, escolas, governos etc. (Nota da Revisora)

6 Adam Greenfield, *Against the Smart City* (New York: Do projects, 2013).

7 Ver Andrew Blum, *Tubes: A Journey to the Center of the Internet* (New York: HarperCollins, 2012).

8 “E-Waste to Exceed 93.5 Million Tons Annually”. *Environmental Leader*, 24 de fevereiro de 2014, <http://www.environmentalleader.com/2014/02/24/e-waste-to-exceed-93-5-million-tons-annually/>.

9 Mark P. Mills, “The Cloud Begins with Coal: Big Data, Big Networks, Big Infrastructure, and Big Power; An Overview of

emitem calor, levantando questões sobre mudanças climáticas e aquecimento global.

Estas estatísticas não colocam em questão o ideal da cidade inteligente, mas apontam para a necessidade de um maior discernimento em aproveitar as tecnologias das quais ela depende. A tecnologia digital tem tanto um custo financeiro quanto ambiental. Consequentemente, seu uso precisa ser modulado em relação às características das áreas urbanas em que é colocada a servir. Para colocar em termos mais simples, quanto maior a densidade do capital e da população (como tipicamente existe no coração das cidade maiores) maior é a justificativa para o investimento em informação e tecnologia de comunicação, mesmo com o risco de se exacerbar o desequilíbrio entre centros e subúrbios — um ponto ao qual voltarei. Uma economia específica para a cidade inteligente é crucialmente necessária.

Essa economia precisa ser acoplada a padrões morais que são tanto coletivos quanto individuais. Reavivando uma espécie de contenção comportamental, eles devem ir contra o estímulo para consumir quantidades cada vez maiores de recursos e equipamentos digitais que os principais *stakeholders* desse setor constantemente direcionam ao público. Vale a pena lembrar que mesmo realizar uma pesquisa no Google em um telefone móvel numa esquina consome energia. Além de questões mais amplas, como aquelas que dizem respeito à relação entre humanos e máquinas que são investidas de algum tipo de inteligência, a moralidade da cidade inteligente deveria provavelmente começar com o uso mais sensato de smartphones.

Junto aos desafios ambientais, há outras armadilhas que ameaçam a viabilidade da cidade inteligente. Apesar da presença crescente das câmeras de vigilância que escrutinam parapeitos e atividades de seus residentes e visitantes, a cidade inteligente é particularmente vulnerável ao vandalismo e ao terrorismo, que podem bem facilmente atrapalhar o funcionamento de sua infraestrutura essencial. Somando-se às ameaças no espaço físico está a perspectiva do ciberataque. Cidades feitas de átomos e bits de informação algumas vezes parecem mais frágeis que suas predecessoras construídas de tijolo, pedra e concreto.

Mas, ao mesmo tempo, vale a pena lembrar que cada novo tipo de tecnologia tem suas próprias formas específicas de vulnerabilidade. A eletricidade permanece a principal fonte de fraqueza da cidade: não é acidental que tantos romances futuristas retratem seu desaparecimento como um

---

the Electricity Used by the Global Digital Ecosystem”(relato de pesquisa para o National Mining Association e American Coalition for Clean Coal Electricity, agosto de 2013), [http://www.tech-pundit.com/wp-content/uploads/2013/07/Cloud\\_Begins\\_With\\_Coal.pdf?c761ac](http://www.tech-pundit.com/wp-content/uploads/2013/07/Cloud_Begins_With_Coal.pdf?c761ac).

precursor do apocalipse ou um retorno à barbárie. Viver numa cidade significa aceitar suas fraquezas, ao mesmo tempo que constantemente se pensa em formas de mitigar seus efeitos mais desastrosos. Por exemplo, no que concerne à tecnologia digital, é aconselhável estabelecer modos de contornar a gestão automática da infraestrutura vital em caso de um mau funcionamento maior, seja de origem accidental ou criminosa. Pense, por exemplo, nos carros elétricos cujas janelas não podem ser abertas se seu sistema elétrico falha ou nos elevadores que travam e deixam seus usuários presos durante uma interrupção de energia. Com a investida constante da TIC, esse tipo de problema precisa ser limitado tanto quanto possível. Este é o preço que tem de ser pago pela inteligência da cidade.

### A diversificação necessária de cenários

Outros desafios para a cidade inteligente provêm da ênfase que a maioria dos *stakeholders* coloca na economia do conhecimento, em detrimento de atividades de manufatura mais tradicionais. Cidades inteligentes são geralmente interpretadas como lugares primordialmente voltados para elites científicas e empresariais. Isto explica o papel emblemático de áreas urbanas como o Vale do Silício e a região em torno de Boston, onde predominam universidades e negócios de alta tecnologia que requerem indivíduos altamente qualificados. Às vezes parece que as cidades industriais não são chamadas a se tornarem inteligentes, especialmente quando situadas em países em desenvolvimento onde os direitos dos indivíduos ainda não são amplamente respeitados. Cabe perguntar se as técnicas de gestão urbana que formam a base da cidade inteligente podem ser aplicadas produtivamente a situações de declínio pós-industrial. É notável que Detroit raramente figure entre os exemplos citados em relação à hipótese da cidade inteligente.

Eu me referi acima à necessidade de introduzir espécies de gradientes, por exemplo, entre o centro e os subúrbios, ao equipar cidades com TIC. Isto significa que as periferias são chamadas a se tornarem menos inteligentes que os centros das cidades? E o que dizer do campo? O estabelecimento da cidade inteligente está levando a uma reinvenção da divisão entre cidade e campo, que tinha sido gradualmente questionada sob a influência de fatores tais como a mídia moderna (sobretudo rádio e televisão)?

Em um nível mais geral, perguntas devem ser formuladas sobre os ideais políticos e sociais que a maioria dos defensores da cidade inteligente subscreve, seja implícita ou explicitamente. Em *Splintering Urbanism*, Stephen Graham e Simon Marvin atribuem à tecnologia digital a responsabilidade por uma série crescente de rupturas: entre vizinhanças hiperconectadas, sintonizadas com a economia global e ligadas por túneis de comunicação de alta velocidade, e áreas urbanas negligenciadas; ou entre *stakeholders* na economia global e residentes relegados às tarefas servis<sup>10</sup>. Graham e Marvin afirmam que a era das redes urbanas que serviam para integrar a sociedade tem cedido lugar a uma era em que a tecnologia se mostra incapaz de reduzir as diferenças mais flagrantes. Pior, as tem até mesmo exacerbado.

De fato, estes autores se esquecem de que não havia nada igualitário no projeto político que sustentava a emergência da cidade de rede da era industrial. Longe de buscar erradicar diferenças sociais, Paris na era de Napoleão III e do Barão Haussmann simplesmente se propunha a tornar essas diferenças toleráveis inserindo bairros de classe média e subúrbios de classe operária dentro de uma só malha que combinava sistemas de água e esgoto, uma rede de estradas, jardins de lazer e parques como o Buttes-Chaumont<sup>11</sup>. A internet tem meramente se apropriado desse ideal de coabitação sem reduzir sua inerente desigualdade. Da mesma forma, as narrativas da cidade inteligente não são nem mais nem menos generosas que aquelas que presidiram ao estabelecimento das grandes redes urbanas da era industrial.

Novamente, o problema tem mais a ver com o fracasso em levar em conta a diversidade de funções da cidade e com a impossibilidade de reduzir isto a uma simples questão de inteligência. Escritores de Richard Florida a Edward Glaeser têm possivelmente colocado ênfase demasiada no cérebro da cidade inteligente — sua “classe criativa” — e não o suficiente no papel de seus músculos — serviços tradicionais e indústria<sup>12</sup>. Acima de tudo, não pode haver apenas um ou dois cenários que levem a essa cidade. Diversificação é claramente necessária neste momento, mesmo se for apenas porque as situações diferem enormemente de um país a outro.

A decisão da Índia de desenvolver cidades inteligentes só pode ser aplaudida. Ainda é razoável,

---

10 Stephen Graham e Simon Marvin, *Splintering Urbanism: Networked Infrastructures, Technological Mobilities and the Urban Condition* (London and New York: Routledge, 2001).

11 Picon, *La ville des réseaux*.

12 Richard Florida, *The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community, and Everyday Life* (New York: Basic Books, 2002); Edward Glaeser, *Triumph of the City: How Our Greatest Invention Makes Us Richer, Smarter, Greener, Healthier, and Happier* (New York: Penguin Press, 2011).

contudo, questionar a estratégia do país em imitar os modelos do Ocidente, do Oriente Médio, da China e da Coreia sem buscar capitalizar a inventividade de sua própria população urbana, acostumada a usar smartphones mesmo em favelas de megalópoles como Nova Deli e Mumbai<sup>13</sup>. Como expressões do “capital impaciente” — para tomar emprestado o termo cunhado por Rahul Mehrotra —, que vem causando uma proliferação de prédios de escritórios de vidro e centros de conferência por todo o planeta, os projetos indianos certamente se beneficiariam se estivessem ligados ao abundante leque de práticas digitais já presentes nas cidades do país<sup>14</sup>.

Os caminhos que levam à cidade inteligente na Europa — onde cidades possuem uma herança rica de infraestrutura tradicional, de saneamento a transporte público — não podem ser os mesmos das metrópoles dos países em desenvolvimento, onde esta infraestrutura é frequentemente precária. Nestas últimas, a inadequação de recursos é geralmente compensada pela engenhosidade dos residentes: sua habilidade em dar um jeito através de misturas inventivas de tecnologias e dispositivos, carros de mão e sistemas de som multimídia, robôs quebrados e telas interativas<sup>15</sup>. Sem questionar a necessidade que têm as grandes cidade em países em desenvolvimento de serem gradualmente abastecidas com recursos, é possível imaginar outros modos de abordar a cidade inteligente que não por meio de uma proliferação de sensores planejados para melhor controlar o funcionamento da infraestrutura pesada. Novamente, os cenários precisam ser diversificados, e bem além do que companhias como IBM e Cisco Systems estão propondo, da mesma forma que a cidade de rede da era industrial tomou muitas formas diferentes na Europa, nos Estados Unidos e no Japão nos séculos XIX e XX.

## Público/Privado

“Tudo o que acontece deve ser conhecido”, “Segredos são mentiras”, “Privacidade é roubo”: em *The Circle*, o romancista americano Dave Eggers imagina um negócio baseado no Google e Facebook onde circulam estes tipos de slogans<sup>16</sup>. Não poderia haver melhor forma de resumir as principais ambiguidades do discurso político e social apresentado pelos entusiastas do admirável mundo novo

13 Uma Vishnu, “34% in Slums Have No Toilet, but 63% Own Mobile Phone in India,” Indian Express, March 22, 2013, <http://archive.indianexpress.com/news/34-in-slums-have-no-toilet-but-63-own-mobile-phone/1091573>

14 Rahul Mehrotra, *Architecture in India since 1990* (Mumbai: Pictor Publishing, 2011).

15 Ver Nicolas Nova, *Futurs?: La panne des imaginaires technologiques (Montélimar: Moutons Electriques, 2014)*, 72; e Adam Greenfield, “The Smartest Cities Rely on Citizen Cunning and Unglamorous Technology,” *The Guardian*, 22 de dezembro de 2014, [www.theguardian.com/cities/2014/dec/22/the-smartestcities-rely-on-citizen-cunningandunglamorous-technology](http://www.theguardian.com/cities/2014/dec/22/the-smartestcities-rely-on-citizen-cunningandunglamorous-technology).

16 Dave Eggers, *The Circle* (San Francisco: McSweeney’s Books, 2013).



digital em que nada escaparia ao escrutínio tanto de tomadores de decisão quanto do público: uma moderna versão do Panóptico de Bentham e do panoptismo de Foucault, em que a maior parte da vigilância era realizada pelos próprios internos<sup>17</sup>. A cidade inteligente não está imune a esta ambiguidade, dado que parece se apoiar em parte na aceitação pelos indivíduos de intrusões repetidas em suas vidas privadas. Mesmo se estas intrusões são aceitas por grandes parcelas dos “nativos digitais” (membros de gerações que cresceram com a internet), nem todos os aspectos dessa evolução são benéficos<sup>18</sup>.

A crescente privatização de áreas inteiras de cidades, que geralmente caminha junto com um reforço da vigilância, é um movimento na mesma direção, borrando e mesmo questionando a linha divisória entre público e privado. Isto significa que devemos aceitar tudo em nome da garantia de segurança, controle e da necessidade de compartilhar informação? Aqui, novamente, a solução pode bem residir na emergência de novos códigos de ética, indubitavelmente bem diferentes daqueles que governavam a relação entre público e privado no passado, mas suficientemente prescritivos para preservar o aspecto essencial do direito à vida privada e segredos pessoais (desde que não sejam nem “mentiras” nem “roubo”).

### Do evento à história

Apesar dos desafios descritos aqui, a ascensão da cidade inteligente constitui uma revolução genuína, comparável em significância ao nascimento das grandes cidades industriais no século XIX e à emergência da cidade de rede, como ideal urbano e como processo físico de transformação da cidade. Enquanto o impacto dessa revolução na forma urbana ainda está envolto de incerteza, sua influência nas estruturas temporais da experiência urbana já pode ser observada. Vivemos em cidades que se movem ao ritmo de eventos cada vez mais numerosos que podem ser seguidos em tempo real.

Mas com essa proliferação de acontecimentos vem uma flagrante ausência de perspectiva histórica, como se a possibilidade da história tivesse sido suspensa indefinidamente em favor de um eterno presente ou de um futuro tão próximo ao que nós já conhecemos que parece ser uma mera intensificação de condições presentes. O apocalipse ambiental ainda permanece a única perspectiva notável de mudança.

<sup>17</sup> Ver Michel Foucault, *Discipline and Punish: The Birth of the Prison (Surveiller et punir: Naissance de la prison)* (1975), trad. Alan Sheridan (New York: Vintage Books, 1995).

<sup>18</sup> John Palfrey e Urs Gasser, *Born Digital: Understanding the First Generation of Digital Natives* (New York: Basic Books, 2008).

É claro que a tecnologia digital tem um papel chave na produção dessa impressão. De fato, a internet é a incorporação mais óbvia desse mundo de eventos sem indicadores históricos claros em que frequentemente nos encontramos metidos. A este respeito, ela permanece fiel à metáfora original do ciberespaço, como a espécie de Las Vegas Strip gigante proposta por autores como William Gibson em *Neuromancer*. Em Las Vegas, há sempre algo acontecendo. Espetaculares e saturados de letreiros, atmosferas e cores em profusão, os hotéis gigantes — do Caesars Palace ao Venetian, do New York-New York ao Paris — aparecem como eventos em si mesmos. Mas nada parece mudar nunca e a febril atividade de turistas e funcionários não gera nada senão sua própria repetição. Facebook e Twitter dão uma impressão bastante similar de hiperatividade e repetição. Isto, por sua vez, é comunicado às cidades, que de bom grado vemos como situadas num estado de eterna juventude, com trocas eletrônicas fazendo o papel de fluidos regenerativos. A era em que a cidade aparecia como um palimpsesto de intervenções lembrando o papel da história parece estar acabada. Ainda assim, o mundo segue sua marcha. A mudança social e política desponta no horizonte de um sonho iluminado, algumas vezes reminescente do “espetáculo” que o líder situacionista Guy Debord tão incansavelmente denunciou. Como podemos escapar desse círculo a um tempo encantado e vicioso? Como fazer com que as cidades inteligentes envelheçam? Este último desafio está estreitamente ligado à necessidade de uma diversificação dos modelos que guiam o desenvolvimento dessas cidades. É um desafio que precisa ser enfrentado urgentemente. Este é o preço a ser pago pelo futuro: um futuro diferente, rico em promessa.